

## INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA ESCOLA: RECONHECENDO AS EMOÇÕES

Adriane Vidal Vaz <sup>1</sup>

### RESUMO

No processo de integração, a atividade de ensino demanda dos professores habilidades de conexão interpessoal, assim como uma gestão eficiente de suas próprias emoções e das dos outros. O que inclui reconhecer a importância da inteligência emocional no contexto escolar, que envolve a habilidade de identificar e lidar com as emoções e com os sentimentos. Estratégias que empregam atividades cognitivas e reflexivas de maneira lúdica podem ser úteis para promover o desenvolvimento da inteligência emocional na escola. Portanto, o aprimoramento da inteligência emocional e da capacidade de regular as emoções por parte dos educadores é cada vez mais fundamental para melhorar tanto as relações profissionais quanto as interpessoais. Este artigo tem como objetivo descrever as características da inteligência emocional e sua relevância na relação entre professor e aluno, examinando como esta influencia a gestão de conflitos e a escolha de diferentes estratégias de resolução. O estudo ressalta a importância de reconhecer a inteligência emocional e oferecer intervenções, especialmente atividades preventivas, a fim de promover o desenvolvimento emocional dos alunos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica baseada em artigos científicos de fontes confiáveis. Espera-se que educadores sejam incentivados a implementar a inteligência emocional nas escolas, reconhecendo sua relevância para a sociedade. Considerando, ainda, as dificuldades enfrentadas pelos professores, como reagem e abordam a questão discutida, e como percebem o uso dos recursos socioemocionais na construção de relacionamentos interpessoais, investigando a possível influência da inteligência emocional no aprendizado escolar.

Palavras-chave: Inteligência Emocional, Aprendizagem, Neurociência, Escola

### INTRODUÇÃO

Conforme explicado por Fonseca (2010), de forma mais abrangente, as emoções compreendem aspectos comportamentais positivos e negativos, conscientes e inconscientes, e podem corresponder a expressões como: temperamento; afetividade; inteligência emocional e interpessoal; cognição social; motivação; personalidade, sendo de crucial relevância na aprendizagem dos alunos e nas interações sociais.

As emoções são consideradas adaptativas na medida em que preparam e orientam comportamentos a fim de obterem experiências positivas ou negativas. Propiciando informações sobre estímulos internos e externos do organismo, assim como, sobre situações adversas onde os indivíduos se envolvem em determinados contextos.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Professora da Educação Básica do Município do RJ, Mestre em Ensino das Ciências, [adriane.vvaz@gmail.com](mailto:adriane.vvaz@gmail.com).

De acordo com Fuentes et al. (2010), as emoções oferecem informações essenciais para imaginação e construção de ações e para satisfação de seus objetivos, em função das necessidades, interesses e motivações dos indivíduos. Durante a evolução do ser humano, todas as ações e pensamentos (cognição), são entrelaçados pela emoção. Pois, os seres humanos são seres sociais que possuem cognição social e inteligência emocional, com emoções que proporcionam uma extensa dinâmica interpessoal, como a própria relação professor-aluno, fundamental às aprendizagens acadêmicas.

As emoções são uma fonte básica da aprendizagem, visto que as pessoas buscam atividades e ocupações que proporcionem bem-estar, e tendem a evitar atividades ou situações nas quais se sintam mal. Conforme Fuentes et al. (2010), as emoções atribuem significado à vida humana à medida que as pessoas se adaptam, aprendem, têm sucesso e fazem amizades, mas também surgem diante de situações e acontecimentos que machucam, magoam, oprimem, frustram e entristecem, por tudo isto, as emoções, as expressões faciais e os gestos proporcionam informações adaptativas de grande importância para a aprendizagem, são fenomenológicas porque são vivenciadas e vividas subjetivamente.

Segundo Goleman (2001), a educação emocional expande o entendimento sobre a escola, vendo-a como um local onde os alunos adquirem conhecimentos fundamentais para toda a vida. Esse processo deve ser contínuo, começando na família, passando pela escola e se estendendo ao longo da vida. Dessa forma, a pessoa educada emocionalmente consegue lidar com as emoções, desenvolvendo suas potencialidades e alcançando uma maior qualidade de vida. A educação emocional amplia os relacionamentos, aumenta o afeto interpessoal, promove a cooperação e favorece o senso de coletividade.

Rêgo e Rocha (2009), afirmam que ser emocionalmente inteligente significa identificar as próprias emoções e reconhecer as emoções dos outros, compreendendo sua intensidade, causas e consequências. Um indivíduo emocionalmente inteligente é capaz de controlar suas emoções por estar consciente delas. Na educação emocional é possível aprender quando, como e onde expressar os sentimentos, entendendo como eles podem influenciar outras pessoas e assumir responsabilidade por suas consequências.

Com base nessa perspectiva, este artigo de revisão tem como objetivo investigar as características da inteligência emocional e sua relevância na relação entre professor e aluno, examinando como esta influencia a gestão de conflitos e a escolha de diferentes estratégias de resolução. O estudo ressalta a importância de reconhecer a inteligência emocional e oferecer intervenções, especialmente atividades preventivas, a fim de

promover o desenvolvimento emocional dos alunos, ressaltando as descobertas da neurociência em relação às emoções humanas dentro do processo de aprendizagem. Espera-se que seja um incentivo para que pesquisas nesse sentido sejam implementadas e que a multidisciplinaridade de neurociências e ciências possam enriquecer o aprender.

## **METODOLOGIA**

Para a construção do referencial bibliográfico, foram priorizados artigos mais recentes, publicados entre 2014 e 2024. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa a partir da leitura dos resumos e selecionaram-se artigos que tratavam da educação emocional e neurociência com ênfase na inteligência emocional.

O estudo foi desenvolvido mediante uma pesquisa explicativa de natureza qualitativa, com busca realizada em plataformas confiáveis como: Google acadêmico, Scielo, Biblioteca Virtual, além de dissertações e livros digitais. Os termos-chave “inteligência emocional” e “escolas”, foram empregados de forma conjunta com “aprendizagem” e “neurociência”. As fontes foram exploradas e a pesquisa refinada no intuito de obter uma quantidade de textos suficiente para leitura, análise e construção do artigo (Ribeiro; Martins; Lima, 2015). Vale ressaltar que foram considerados apenas os artigos em língua portuguesa, disponibilizados integralmente.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nas palavras de Lent (2010, p. 715, 717), emoção “é uma experiência subjetiva acompanhada de manifestações fisiológicas (respostas autonômicas, comandadas pelo sistema nervoso central - SNC) e comportamentais detectáveis (respostas motoras)” assim como é responsável pelo: “aumento do estado de alerta, desassossego, dilatação da pupila, sudorese, lacrimejamento, alteração da expressão facial, entre outras” (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 76). E, como destaca Lent (2010), através dos métodos da neurociência é possível analisá-la mais facilmente.

Fonseca (2016), destaca que as emoções oferecem a base afetiva essencial às funções cognitivas e executivas da aprendizagem, sendo responsáveis pelo processamento de informações. Como afirma Lent (2010, p. 714), “as emoções negativas são mais conhecidas do que as positivas, talvez porque sejam mais ricas em manifestações fisiológicas”.

As emoções podem ser entendidas como “valência (positiva e negativa) e ainda por três grupos: as primárias ou básicas, as secundárias e as emoções de fundo” (LENT, 2010, p. 716). Como afirmam Pereira, et al. (2013), as emoções primárias procedem da rede de circuitos neurais do sistema límbico, a amígdala e o cíngulo são seus desencadeadores, são intrínsecas e não dependem de elementos sociais e culturais, sendo comuns a todos os indivíduos. As secundárias são aprendidas e inspiradas no ambiente social e cultural. De acordo com Lent (2010), através delas a pessoa obedece, ou não, as normas de comportamentos de cada sociedade. As emoções de fundo, por sua vez, relacionam-se a condições de bem-estar, ou mal-estar.

Como diz Abrantes (2014), o desenvolvimento das emoções contribui para a elaboração de memórias, contanto que exista bastante emoção em uma vivência específica, o indivíduo pode registrá-la na memória e ativá-la em outros momentos.

As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana. Sem dispor de funções de autorregulação emocional, a história da Humanidade seria um caos, e a aprendizagem um drama indescritível, as emoções tomariam conta das funções cognitivas e os seres humanos só saberiam agir de forma impulsiva, excitável, eufórica, episódica e desplanificada. Eis a razão porque o cérebro humano integra inúmeros e complexos processos neuronais de produção e de regulação das respostas emocionais (FONSECA, 2016, p. 35).

Conforme descrito por Ramos (2014), regiões específicas nas áreas límbicas basais do cérebro avaliam a relevância de uma informação e fazem a escolha subconsciente de registrá-la como uma memória impactante ou de bloqueá-la.

Num clima de ameaça, de opressão, de vexame, de humilhação ou de desvalorização, o sistema límbico, situado no meio do cérebro, bloqueia o funcionamento dos seus substratos cerebrais superiores corticais, logo das funções cognitivas de input, integração, planificação, execução e output, que permitem o acesso às aprendizagens simbólicas e à resolução de problemas complexos exclusivos da espécie humana (FONSECA, 2016, p. 19).

Como verificado por Cosenza (2012), o sistema límbico desempenha diversas funções, tendo suas estruturas participando não apenas dos processos emocionais e motivacionais, mas também da memória, da aprendizagem e dos controles visceral e neuroendócrino.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A neurociência, essencialmente, trata do estudo do processamento das informações recebidas pelo ser humano ao longo de sua vida. Esses conhecimentos são

indispensáveis, especialmente para os educadores, que atuam como mediadores do ensino. Compreender o funcionamento dos mecanismos de aprendizagem dos alunos, é fundamental para eficácia do processo educacional.

Por serem descobertas relativamente recentes, os estudos neurocientíficos com ênfase na educação não fizeram parte da formação de muitos educadores. Freire (2019) explica que ensinar não é transferência de conhecimento, mas sim a criação de meios para que o aluno alcance sua própria produção ou construção. Quando o professor estuda as funções cerebrais relacionadas ao comportamento humano e à aprendizagem, pode fazer melhores escolhas em diversos aspectos da vida, como nos relacionamentos interpessoais, uma vez que padrões mentais e comportamentais podem ser substituídos. Essa capacidade de transformação é fundamentada nos conhecimentos trazidos pelas neurociências, que, como ciências naturais:

descobrem os princípios da estrutura e do funcionamento neurais, proporcionando compreensão dos fenômenos observados. A Educação tem outra natureza e sua finalidade é criar condições (estratégias pedagógicas, ambiente favorável, infraestrutura material e recursos humanos) que atendam a um objetivo específico, por exemplo, o desenvolvimento de competências pelo aprendiz, num contexto particular. .... A aplicação desse conhecimento no contexto educacional tem limitações. As neurociências podem informar a educação, mas não explicá-la ou fornecer prescrições, receitas que garantam resultados. Teorias psicológicas baseadas nos mecanismos cerebrais envolvidos na aprendizagem podem inspirar objetivos e estratégias educacionais. O trabalho do educador pode ser mais significativo e eficiente se ele conhece o funcionamento cerebral, o que lhe possibilita desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas (GUERRA, 2011, p. 3).

Nesse sentido, a neurociência possibilita que o sistema educacional ocorra de forma mais eficaz, respeitando os processos de funcionamento cerebral relativos à aprendizagem e, conseqüentemente, tornando-o menos desgastante. De acordo com Consenza e Guerra (2011), os estudos neurocientíficos podem contribuir para consolidar as práticas pedagógicas, sugerindo intervenções e estratégias que respeitem o funcionamento do cérebro e transformem o processo ensino-aprendizagem de forma mais eficiente.

Um dos aspectos fundamentais desse processo é a plasticidade cerebral, que permite ao cérebro se remodelar, reaprender, e interpretar o mundo de maneiras diferentes. Essa capacidade de adaptação e mudança, impulsionada por novas sensações e experiências, oferece um novo sentido ao que antes era considerado conhecimento padrão, permitindo que o ensino se torne mais dinâmico e alinhado às necessidades individuais dos alunos.

Considerando essa capacidade do cérebro, é fundamental que os professores sejam habilitados para perceberem os próprios comportamentos e emoções, o que pode proporcionar melhores relações de trabalho e facilitar a interação com os alunos, tornando o processo de ensino-aprendizagem uma experiência mais efetiva e prazerosa. Nas palavras de Cosenza e Guerra (2011):

Uma característica marcante do sistema nervoso é a sua permanente plasticidade, que é a capacidade das ligações entre os neurônios serem feitas e desfeitas, como resultado das permanentes interações com os ambientes interno e externo do corpo. Essa plasticidade é maior nos primeiros anos de vida, mas permanece para sempre (COSENZA E GUERRA, 2011, p54).

Os estudos neurocientíficos, ao proporcionarem novos conhecimentos sobre o processamento das emoções, fixação da memória e criação de hábitos, reforçam a importância de integrar essas descobertas ao desenvolvimento das práticas educacionais. Através desses estudos sobre o cérebro, é possível compreender ferramentas de auto funcionamento, percebendo os limites e possibilidades. Além disso, constatou-se que o sistema nervoso possui a capacidade de ser estimulado por informações, processá-las e ser influenciado por elas, o que destaca a relevância de aplicar esse conhecimento no contexto educacional.

As redes neuronais são construídas desde a infância, e a cada etapa da vida as estratégias pedagógicas precisam ser estruturadas para potencializar os processos educacionais. No córtex pré-frontal desenvolvem-se as funções executivas, responsáveis pelas decisões, autocontrole, planejamento e atenção, entre outras. Crianças têm dificuldades em manter a atenção devido à falta de maturação do cérebro nos anos iniciais, precisam da supervisão de um adulto e muitas vezes são birrentas, comportamentos que fazem parte do processo de crescimento.

Como explica Kandel (2020), qualquer atividade do dia a dia, tanto as mais simples quanto as complexas, requer as funções executivas, desde a ação até o autocontrole. Quando o estresse interfere, o desempenho escolar pode ser prejudicado, ressaltando a necessidade de a escola assumir seu papel como espaço de promoção do desenvolvimento dessas funções. Além disso, alunos que não conseguem acompanhar o ritmo da aula precisam ser ensinados de acordo com sua forma de aprendizagem, garantindo que todos possam desenvolver suas capacidades executivas de maneira eficaz.

Quanto a relação das emoções com o humor e com o estresse, Fonseca (2010) diz que emoção ou afeto envolve também processos somático-corporais e crenças culturais. O humor abrange um conjunto de estados emocionais duráveis (positivos ou negativos)

que influenciam tanto a cognição e a ação quanto o comportamento. Esses estados emocionais podem afetar significativamente a maneira como o indivíduo lida com situações cotidianas, incluindo a capacidade de enfrentar desafios e de adaptar-se a novas circunstâncias.

Por outro lado, o estresse pode ser percebido como o conjunto de reações psicossomáticas ou comportamentais que uma pessoa demonstra frente a eventos ou tarefas, que se alinham ou ultrapassam as capacidades do seu organismo para gerar uma resposta adaptativa às exigências apresentadas. Assim, é importante reconhecer que o humor e o estresse estão intimamente interligados, pois uma resposta emocional duradoura pode influenciar a percepção e a reação do indivíduo a fatores estressantes, enquanto o estresse contínuo pode, por sua vez, afetar negativamente o humor.

Rêgo e Rocha (2009), dizem que muitos alunos com dificuldades de aprendizagem não conseguem corresponder às expectativas sociais devido a sua neurodiversidade não ser respeitada nem compatibilizada com as condições das aprendizagens escolares, sendo que muitos desses problemas de saúde mental na escola podem surgir devido a estressores crônicos ou por sofrimento emocional.

Crianças e adolescentes que vivenciam muitas situações de estresses, em situações escolares, podem sofrer de alterações emocionais, como ansiedade, depressão, desmotivação, vulnerabilidade, baixa produtividade, entre outros, que podem, em algum momento, alterar o rendimento escolar. É preciso explorar a relação das emoções com as aprendizagens escolares por ser muito próxima. Logo, o êxito ou sucesso na aprendizagem tem muito a ver com as interações íntimas neurofuncionais das emoções e tudo passa efetivamente pelas dinâmicas interpessoais entre professor e aluno, e entre estes e os seus pares.

Fonseca (2016), afirma que o processamento emocional ocorre em todo o cérebro, e não somente no sistema límbico, assim, as funções emocionais estão interligadas com as funções cognitivas e as funções executivas. Sendo o impacto na sobrevivência, na adaptação, na socialização e, principalmente, na aprendizagem de fundamental importância, em aspectos positivos e negativos, nas dimensões conscientes e inconscientes.

Devido a importância que a emoção tem na cognição (sentido de razão), para que a aprendizagem ocorra é preciso que sejam criadas situações ou desafios, como tarefas, propostas ou atividades de aprendizagem, em um ambiente seguro. O cérebro humano precisa de um ambiente de segurança afetiva para que as emoções deem lugar às



cognições. De acordo com Fonseca (2016) os seres humanos são a única espécie que ensina intencionalmente, algo que só ocorre devido a cognição social e a inteligência emocional.

Para Fuentes et al. (2010), o processamento das emoções pode ocorrer em diferentes regiões do cérebro, envolvendo estruturas cerebrais através de funções conscientes ou por meio de estruturas neurobiológicas, utilizando respostas periféricas. O sistema neural, composto pelo sistema límbico, especialmente a amígdala, o hipotálamo e o sistema dopaminérgico, é fundamental para o reconhecimento e a expressão das emoções. Os autores afirmam que identificar expressões faciais e emocionais é crucial para que as pessoas tenham atitudes condizentes com a sociedade, possibilitando uma melhor comunicação interpessoal. É preciso reconhecer a educação emocional como um método de ensino para possibilitar o gerenciamento das emoções e a formação integral dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa, foi possível explorar a inteligência emocional ao analisar a importância do reconhecimento das emoções e sua influência no processo de aprendizagem. A investigação destacou como o entendimento e a gestão das emoções podem promover um aprendizado mais humano e significativo, facilitando a conexão entre o indivíduo e o conteúdo estudado. Esse enfoque permite não apenas uma maior eficácia no processo educacional, mas também contribui para um ambiente de aprendizado mais empático e adaptado às necessidades emocionais dos alunos.

A investigação demonstrou que a inteligência emocional não apenas facilita a comunicação e a compreensão entre professor e aluno, especialmente no contexto da gestão de conflitos e na escolha de estratégias de resolução, mas também desempenha um papel vital na criação de um ambiente de aprendizagem mais positivo e produtivo. A neurociência fornece evidências sobre como as emoções influenciam o processo de aprendizagem, sublinhando a necessidade de intervenções que promovam o desenvolvimento emocional dos alunos.

O conhecimento oferecido pelas neurociências pode sugerir orientações, embora não haja uma fórmula a ser seguida, uma vez que cada indivíduo possui sua individualidade e é influenciado por diversos fatores, tanto no contexto familiar quanto no social. A aprendizagem significativa e estimulante resulta da interação entre emoção



e cognição. Ambas estão interligadas em um nível neurofuncional fundamental, de modo que a disfunção em uma pode impactar significativamente a outra.

Compreender o funcionamento do cérebro humano e reconhecer que as emoções desempenham um papel crucial no desenvolvimento humano — podendo tanto fomentar quanto limitar esse desenvolvimento — é uma ferramenta essencial para aqueles que lidam com o processo de aprendizagem. Portanto, o professor precisa estar atento às reações emocionais de seus alunos, pois estas podem influenciar no processo de aprendizagem.

Quando se aborda a relação entre emoção e aprendizagem, é importante destacar que as emoções afetam tanto o aprendiz quanto o educador, assim como as interações entre pais e filhos e outros relacionamentos sociais, pois os seres humanos estão em constante desenvolvimento, aprendendo continuamente.

Reconhecer e cultivar a inteligência emocional entre professores e alunos é essencial para o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente educacional. A implementação de atividades preventivas, voltadas para o desenvolvimento emocional, emerge como uma estratégia eficaz para minimizar conflitos e promover um ambiente de aprendizagem harmonioso. Este estudo reafirma a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que integre as descobertas da neurociência e das ciências da educação para enriquecer o processo de aprendizagem.

Esperamos que este artigo incentive futuras pesquisas que continuem a explorar a relação entre inteligência emocional e educação, fortalecendo o campo com insights que possam ser traduzidos em práticas pedagógicas inovadoras. A colaboração entre neurocientistas, psicólogos e educadores é fundamental para aprofundar a compreensão de como as emoções influenciam o aprendizado e para desenvolver intervenções eficazes que beneficiem todos os envolvidos no processo educativo.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. **De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós:** um estudo da socialização através da análise de autobiografias. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 126, p. 111-127, mar. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302014000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 jul. 2024

COSENZA, Ramon M., Guerra, Leonor B. **Neurociência e educação:** como o cérebro aprende. Leonor B. Guerra - Porto Alegre: Artmed, 2011

COSENZA, Ramon M. **Fundamentos de Neuroanatomia**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

FONSECA, Vitor da. **Importância das emoções na aprendizagem**: uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 jul. 2024.

FONSECA, V. **Dificuldades de aprendizagem**: abordagem neuropsicopedagógica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak; 2016.

FUENTES, D. Lunardi, L.L., Malloy-Diniz, F. L., e Rocca, A. C. C. In: L.F. Malloy-Diniz; D. Fuentes; P. Mattos; N. Abreu. (orgs.). **Reconhecimento de emoções**. Avaliação neuropsicológica. Porto Alegre, Artmed, 2010, p. 169-174.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GUERRA, L. B. **O diálogo entre a neurociência e a educação**: da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, v. 4, p. 3-12, 2011. Disponível em: <<http://cienciaparaeducacao.org/eng/publicacao/ guerra-l-b-o-dialogo-entre-a-neurociencia-e-aeducacao-da-euforia-aos-desafios-e-possibilidades-revista-interlocucao-v-4-p-3-12-2011/>>. Acesso em 10 jul. 2024.

KANDEL, Eric R. et al. **Princípios de neurociências**. 5.ed., Porto Alegre, RS: AMGH, 2014.

LENT, Robert. **Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociências**. 2. ed. – São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

PEREIRA, Wilza Rocha et al. **Emotional competencies in the process of teaching and learning in nursing, from the perspective of the neurosciences**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 663-669, June 2013. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-116920130003000663&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-116920130003000663&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 jul. 2024.

RAMOS, Angela Souza da Fonseca. **Dados recentes da neurociência fundamentam o método "Brain-based learning"**. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 31, n. 96, p. 263-274, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862014000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 03 jul. 2024.

RIBEIRO, M. A. T.; MARTINS, M. H. M.; LIMA, J. M. **A Pesquisa em base de dados: como fazer?** In: LANG, C. E. et al. Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: Edufal, 2015, p. 61-83.